# O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

## Considerações Críticas I

Carlos Maciel da Cunha*

### I - Introdução

1 - Tenho sempre afirmado a necessidade de os professores de português se reunirem para discutir não só suas metodologias, processos, procedimentos, mas também - e sobretudo - sua filosofia de ensino.

2 - Hoje, a professora Clara Grimaldi nos convida e insiste:

> " É sempre oportuno debater o assunto... torna-se o debate imperioso". (pag. 1).

3 - Mais do que oportuno, mais do que imperioso, parece-me ser o debate um dever de nossa consciência profissional e humana. O ensino de português torna-se um ponto crucial, do qual não se esperam mais decepções nesta hora em que as forças vivas de uma nação se erguem e se aglutinam, em que os professores nas ruas, em vigília, começam a se organizar em busca de uma consciência de classe.

Por isso, examinei com o maior cuidado, com o maior carinho, esta conferência.

Proliferação, a partir de 1970

O texto
- . Inatualidade
- . Atualidade excessiva

Tratamento do texto
- . Interpretação induzida: o autor impõe respostas
- . Questões irrelevantes
- . Questões absurdas
- . Falta de graduação

Exemplo de bom livro: Domício Proença Filho

---

* Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor e Livre-docente em Literatura Francesa.

Quarta parte: Correção idiomática

1 - Fatos

. A revolução lingüística de Saussure
. Trabalhos de Ayres, Celso Cunha, Mattoso Câmara
. Ayres: o "pânico lingüístico"
. A correspondência de um professor mineiro
. O Parecer do Conselheiro Abgar Renault
. Polêmica

2 - A necessidade de normas reguladoras  Gramática

## II - Princípios

Antes de entrar no debate propriamente dito, alinho os princípios que me parecem ser as vigas necessárias a todo raciocínio que eu fizer.

Primeiro:

O ensino de Português - em qualquer nível - não pode ser encarado como um departamento estanque; tem de ser julgado, avaliado, aprovado, reprovado, elogiado, censurado, criticado, transformado nas malhas correlativas de círculos concêntricos:

. o contexto da Escola
. o contexto educacional brasileiro
. o contexto político-sócio-econômico brasileiro

Segundo:

Medidas exteriores, por si só, em nada adiantarão o processo didático-pedagógico do ensino de Português. Existe uma área prioritária a ser atingida. Em outras palavras, será preciso desencadear a marcha da conscientização em torno de uma filosofia. Voltada para a

práxis, esta filosofia se torna ideologia. Itinerário obrigatório, a meu ver: de uma base ideológica (interior) geram-se metas (objetivos gerais, interiores) e estas geram objetivos específicos (exteriores). São os nossos conceitos, preconceitos, idiossincrasias, ideais que engendram o nosso ensino. E o mundo é diverso e as opções, infinitas. Existe, assim, uma língua portuguesa da fraternidade, uma língua de patrões, uma língua de empregados, uma língua de vassalos, uma lin - gua de escravos. Se, pois, acreditamos que a terra é a pátria dos irmãos, ensinaremos a língua da igualdade e da fraternidade; se acreditamos que a terra é uma vasta empresa com poucos senhores, muitos empregados e numerosíssimos escravos, vamos ensinar a língua do autoritarismo para uns e a língua do bom comportamento e a da servidão para os outros.

Terceiro:

No ensino do Português, há que distinguir duas áreas:

. Área instrucional, de treinamento, em que as mudanças são observáveis, mensuráveis, quantizáveis, previsíveis.

. Área estrutural, isso é, a área das correlações interiores, não-observáveis, não-mensuráveis, não-quantizáveis, não previsíveis.

Entre as duas áreas estabelece-se uma sadia petição de princípio, uma circularidade não viciosa, um fluxo ininterrupto e poderíamos dizer que a área instrucional está para o sucesso exterior do homem assim como a área estrutural está para o seu engrandecimento interior, vale dizer, libertação.

Quarto:

A missão da Escola não é integrar o aluno na Sociedade.Se assim fosse, a Escola se reduziria a uma só de suas dimensões: a área instrucional.

De duas uma: ou a Escola incorpora, assimila, aceita, prega e exalta a Sociedade que a criou - na expansão da consciência ingênua - ou a Escola projeta essa Sociedade no seu seio, vive-a, para esquadrinhá-la, correlacionando elementos, esforçando-se por trans

formá-la - na expansão da consciência crítica.

Só nesta segunda hipótese, a Escola é realmente educativa.

Quinto:

Em Língua Portuguesa, o treino, por si só, não leva ao desempenho adequado. É preciso que esse treino decorra da exigência interior. Em outras palavras, só fala e escreve bem quem tem o que falar e o que escrever. Em outras palavras ainda: a Língua só tem sentido como fonte e veículo de transformação. Cada palavra viva nos engaja; transforma: vivifica ou mata; ressuscita ou sepulta. Só na transformação humana tem sentido a Língua, ao mesmo tempo criatura e criadora da Cultura.

Sexto:

A Língua não é um bloco uniforme, a ser transmitido dogmaticamente como um legado intocável do rico passado para um pobre presente e um miserável futuro. A Língua é um presente perigoso: morremos com ela se não criamos com ela. E tem múltiplas virtualidades e múltiplas variações: dialetos, registros, contextos, funções, modalidades, etc.

É à luz desses princípios que passamos agora à análise de pormenores da Conferência da Professora Clara Grimaldi.

III - Análise de pormenores

Página 1

"Ao jovem, sobretudo ao jovem... de redigir".
"Digladiam-se... lhe vem daqueles".

Página 9

"Entretanto, em meados... que ministram o ensino da língua materna".

Comentários:

A - Cabem aqui várias perguntas:

. Os jovens usam mal a língua ou se recusam a reproduzir uma língua massificada?

. A denúncia da Escola como culpada não seria simplista, simplória?

. Existe crise?

. Como caracterizar essa crise?

. A crise não seria um sintoma de crescimento?

. A crise não seria a ruptura de um equilíbrio nefasto?

. O que se teme é a crise ou a crítica?

B - A história do professor mineiro (p.9) tem muito a ver com o fenômeno da gíria. Foi uma longa história que não honrou muito a cultura lingüística do professor que pode ter ficado famoso como correspondente do Presidente, mas não como lingüista.

Realmente, a gíria, do ponto de vista lingüístico é uma língua tão boa como outra qualquer. Do ponto de vista da Comunicação, é uma língua que pode ser mais eficaz. Mesmo do ponto de vista da normatividade, creio que o critério de correção deve situar-se na encruzilhada do dialeto, do registro, do contexto, da função, etc. Voltarei a esse ponto

Páginas 1 - 3

"Nesse campo do ensino...mais amplo, global".
"No Brasil, de 1905 até hoje... de ser ela ministrada".

Comentários

A - Creio que as causas apontadas pela conferencista são

válidas, mas a causa mais profunda se situa, a meu ver, no terreno amplíssimo em que a palavra foi assenhorada pelo PODER. Os maus exemplos de uso da língua vêm do alto. Quando a semântica oficial ou oficiosa corrompe a língua e, com ela, as mentes e corações - através de ambigüidades, duplicidades, jogos de palavras, segundas, terceiras, quartas...intenções, aí, então, o cidadão brasileiro se desinteressa por um SIGNO VAZIO.

B - O uso criador da linguagem não seria o antídoto contra a maquinização proposta pela explosão tecnológica?

C - Faz parte dos hábitos do nosso Sistema político-educacional adotar medidas que fazem de conta. O que se quer é dar a impressão de estar resolvendo os problemas. Mas não resolvê-los. Por que? Porque resolver seria o suicídio do próprio sistema. Como pode um Sistema que oprime facultar uma Educação que liberta?

D - Desse modo, é matemático que a nossa última Lei de Ensino, a 5.692/71, o Parecer 853/71 enfatizem menos que os documentos legais anteriores o ensino da língua materna. É sistemático igualmente o floreio técnico: mudança de nome, divisão em atividades, áreas, disciplinas, etc. Nossas reformas têm sido verbalistas e nominais: quantas palavras se gastam para uma simples mudança de nomes!

Página 2

"Soma-se a isto... ao adequado emprego do idioma?"

Comentários

A - É lugar-comum atribuir à TV, aos quadrinhos e a outras solicitações visuais do mundo contemporâneo o esvaziamento da leitura e do ensino de Portugues em geral.

Eu não creio.

Tenho para mim que, quando vieram os quadrinhos e a TV, a casa já estava vazia. Concretamente, é assim que vejo as coisas: vê-se TV porque é interessante; lêem-se quadrinhos porque são interessantes; não se gosta de aula de português, porque não é interessante. E por que não é interessante? Porque não tem ligação com a vida, porque é massificante.

B - Eu discutiria a afirmação de que "o bom uso da língua com

provou sempre e comprovará, através dos tempos, o nível intelectual de um povo".

Mais algumas perguntas:

. Quem determina o que é bom uso e o que não é? Não me respondam com a velha história dos bons autores, o que não passa de uma circularidade viciosa: o bom uso é o dos bons autores; os bons autores são os que optaram pelo bom uso.

. Só há um bom uso?

. O bom uso não seria uma nostalgia seiscentista de Vaugelas?

C - À Escola cabe coibir abusos?

Creio que não. No máximo, à Escola caberia analisar abusos. Vou ser mais radical: à Escola competiria promover abusos, dentro de um sistema opressor. Em todo o caso, à Escola compete criar espaços para a expansão da pessoa humana, expansão tão fora de uso, logo, abuso.

D - "...ajustando, de forma conveniente, a comunicação ao adequado emprego de idioma?"

. Quem determinaria a forma conveniente?

. Quando é que o emprego do idioma é adequado?

. A opção por uma forma de comunicação já não é, por si mesma, essência da comunicação?

. Deve-se falar de emprego adequado ou de empregos adequados?

. A insistência em um único modo de adequação lingüística não levaria fatalmente a um modelo fascista de comportamento verbal?

Página 3

Comentário aos três últimos parágrafos

Conclui-se daí que não é possível aliar lucro e educação.

Só o Estado - um Estado humano e humanizante, não o nosso evidentemente, que é um Estado-Patrão - só o Estado poderia ministrar educação. Toda educação é anti-oligárquica e, por isso, recusa minorias privilegiadas, seja as minorias do capital, seja as minorias do pensamento, seja as minorias da administração (tecnoburocracia). Quando a serviço de uma minoria opressora, os técnicos já são, pela sua própria postura, deseducadores.

Página 4

"...experiências vividas..."

No ensino atual do Português, desengajado, abstrato, temeroso da realidade, o nosso aluno não conhece experiências vividas. Já em casa, a partir do primeiro beliscão, tem início a massificação lingüística, em detrimento do aspecto criador da linguagem. A partir de certo tempo, o aluno aceita a aprendizagem que lhe impomos como meio de obter o diploma, mas seu organismo a rejeita como rejeitaria uma célula morta, porque a percebe como seqüência de um vasto processo de coisificação, a tentativa de fazê-lo objeto e não sujeito da história.

Páginas 5-8

Não direi nada sobre o livro didático, por ser co-autor de uma série.

Apenas algumas observações:

a) A meu ver, a definição de cultura (p. 5, 6º parágrafo) é discutível do ponto de vista da criatividade.

b) No meu entender, letristas de música popular podem ser excelentes poetas; por isso, eu restringiria duas afirmações da pág. 6. 6.

c) Os exercícios dados como exemplos (pp.7-8) são realmente de estarrecer. O que me espanta é isso: de tanto importarmos da América do Norte técnicas, procedimentos, modelos, recursos, psicologias behavioristas, não nos sobra tempo para pensar e repensar a nossa realidade nem de atender ao mais comezinho bom senso. Por isso, dou inteira razão à conferencista quando ela conclui (p.8):"Que conseguirá um professor com esse tipo de trabalho, senão criar, no aluno, uma profunda aversão por sua língua?

Mas, uma pergunta se impõe: o que estava na raiz desta falta de bom senso e de sensibilidade?

A meu ver:

. uma deformação oriunda de nossas Faculdades de Letras: erudição, pedantismo, cabeça cheia, mas não bem feita, preocupação com uma pseudo-cultura modernosa, modernóide.

. Falta de compromisso com a realidade nacional e com um projeto comunitário.

Assim, há livros didáticos que poderiam ser publicados no Brasil e também, sem alteração alguma, além da tradução, na Bélgica, Bolívia, Uganda, Reino Unido, República Malgaxe, etc.

Páginas 8-11

Sobre os itens Correção idiomática/Correção gramatical/ Gramática, eu faria apenas algumas observações:

a) Muitas vezes essas palavras têm sido usadas apenas para caracterizar um ensino elitista, pretensioso, exorbitante, dogmático.

b) Não raro, em nome do bom comportamento lingüístico, cometem-se verdadeiros desatinos contra as ciências lingüísticas e a Teoria da Comunicação.

c) Sobre o 2º parágrafo da p. 10, tenho um depoimento oriundo de pesquisa pessoal.

Tenho perguntado a alunos meus, recém-chegados à Faculdade o que gostariam de estudar em português. Respondem

- Um pouquinho da gramática, né, professor!?

Pergunto-lhes em seguida durante quantos anos já estudaram "gramática". Somam 8 anos do 1º Grau mais alguns do 2º Grau e a resposta é: 10, 11, 12 anos. E sempre estudaram as mesmas questões: ortografia, análise sintática, concordância, regência, formação de palavras, etc. E continuam a querer a mesma coisa. Deduzo, então, um fenômeno curioso que chamaria de estrangulamento ou impasse normativista: objetos de treinamento, tais itens gramaticais e normativos não levariam mais de 2 anos para serem aprendidos, decorados, instrucionalizados.

Por que os alunos não aprendem nem em 10 anos?

Porque é um ensino monótono, repetitivo, redundante, morno, morto, sem correlação com a vida.

Por que se continua a ensinar?

Porque é cômodo e seguro. Batendo na mesma tecla, corre-se menos risco de desafinar. O aluno leva, sem maior esforço, o seu diploma. O professor leva, sem nenhum risco, sua vida. Professor e aluno não querem aventura.

Ora, é minha opinião que não pode haver ensino sem risco, sem um certo mergulho no escuro em busca das virtualidades profun

das da pessoa humana.

Não quero dizer que não há necessidade de ensinar o dialeto culto. Há sim. Mas que ele seja colocado no seu devido lugar como área de instrumentalização para às vezes, relativamente pouco numerosas, em que convirá usá-lo. E também como ponto de partida para a criatividade. Pois, se entendermos criatividade como desvio da norma e da rotina, há-de se conhecer a rotina para dela se desviar. Ao decidir quebrar a rotina, romper a norma, convém saber o que se está quebrando, rompendo. Para não ensinarmos a nossos alunos a caminhar sobre vidros e cristais partidos sem construir nenhuma moradia...

Conclusões

1 - Bem-vinda a Conferência da Professora Clara Grimaldi que levanta uma questão explosiva. Esta Faculdade tem de refletir sobre as necessidades da Comunidade que a sustenta e afinal espera de nós algum retorno, em termos de idéias progressistas e transformadoras da realidade. É trágico quando a Comunidade espera em nossa voz o som do Progresso e nossa voz só transmite o mando do Patrão. É tempo de a Universidade sair de suas torres ebúrneas e conhecer os caminhos da vida, as ruas, as pessoas para delas se inspirar, transformar-se e transformar.

2 - A Conferencista optou por uma visão do processo exterior de ensino de português: leis, manuais, gramática normativa, exercícios, etc. Era um direito seu. Eu prefiro uma visão ligada ao interior do homem onde as coisas acontecem primeiro, quando acontecem. Para mim, o ensino só será viável quando for humano. Só quando as decisões, opções, escolhas vierem de baixo, dos colegiados, das comunidades e quando o topo da pirâmide hierárquica tiver por única missão executar a vontade das bases.

3 - Centro de irradiação da Escola, a aula de Língua Portuguesa se coloca no eixo sintagmático da Educação: tudo parte dela para ter sentido, mas tudo acorre a ela para atribuir-lhe significado.

4 - Termino com duas citações:

Dizia a Conferência de Ministros da Educação, reunida em Caracas, de 6 a 15 de dezembro de 1971:

"...toma corpo a idéia de uma educação liberta

dora que contribua para formar a cosnciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos".

Dizia a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellin:

> "A Educação em todos os seus níveis deve chegar a ser criadora, pois devemos antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina".

Tirei essas duas citações do livro de Paulo Freire: *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979,p.7.